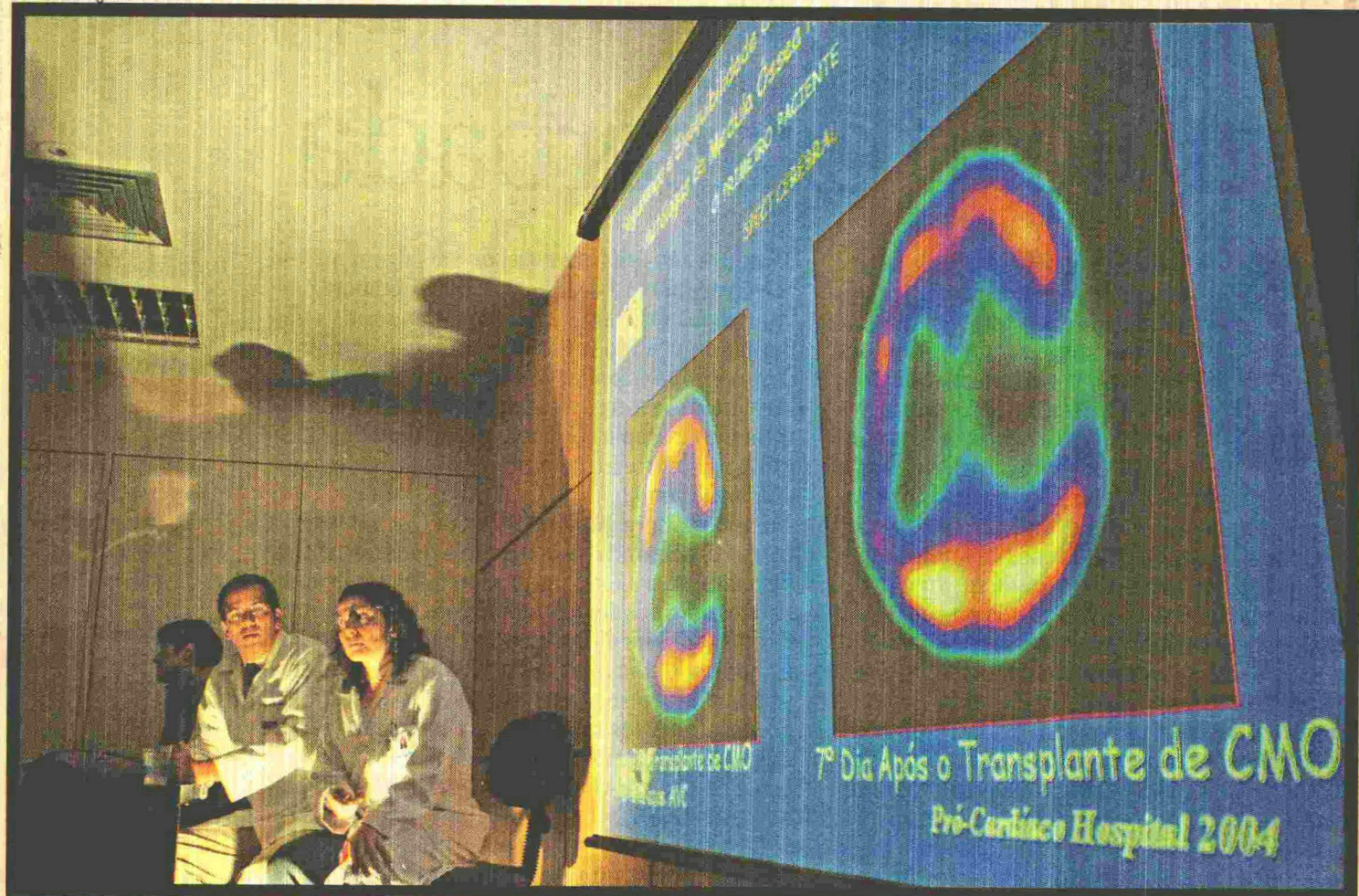


BRASIL

SAÚDE

Pesquisadores brasileiros realizam pela primeira vez no mundo procedimento para recuperar células do cérebro

Fabio Motta/Agência O Dia/AE



OS ESPECIALISTAS DA UFRJ E DO HOSPITAL PRÓ-CARDÍACO DO RIO APRESENTARAM OS RESULTADOS DO PROCEDIMENTO REALIZADO EM AGOSTO

Vítima de AVC passa bem após transplante inédito

O Brasil é o primeiro país no mundo a realizar transplante de células-tronco em vítima de acidente vascular cerebral. O procedimento foi feito com sucesso, por médicos e pesquisadores do Hospital Pró-Cardíaco e da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). Segundo os coordenadores do estudo, além de seguro, o transplante pode ser a explicação para a rápida recuperação da dona-de-casa Maria da Pomuceno, de 54 anos, moradora de Rio das Pedras, favela da zona oeste do Rio.

As células-tronco injetadas são autólogas, foram retiradas da própria paciente. Dezesete dias após o implante, em 24 de agosto, Maria já andava sozinha, sem a ajuda de cadeira de rodas, e movia os braços. Um quadro muito diferente do apresentado ao ser internada, quando che-

gou sonolenta, incapaz de falar e compreender o que lhe diziam, com o lado direito do corpo paralisado.

Tomografia do cérebro feita uma semana após o procedimento aponta uma área de intenso metabolismo. "O brilho no exame demonstra a existência de células vivas em uma área que antes estava totalmente escura. Essa foi a imagem que mais nos surpreendeu", disse o diretor-científico do Pró-Cardíaco, Hans Fernando Dohmann, em coletiva realizada ontem no hospital, em Botafogo, zona sul do Rio. Em setembro, no mesmo local, foram feitas intervenções bem sucedidas de terapia celular no coração.

Procedimento

As células-tronco usadas foram retiradas da própria paciente. Depois de separadas no Institu-

to de Biofísica da UFRJ, elas foram implantadas em Maria por meio de um microcateter que, introduzido na virilha, chegou até a artéria cerebral média esquerda, lesionada pelo AVC.

"As células-tronco foram liberadas lentamente. Levamos 15 minutos para injetar os três mililitros contendo 30 milhões de células", explicou Dohmann. Ressonâncias magnéticas demonstram que as células-tronco conseguiram salvar neurônios situados na chamada área de penumbra, que se forma quando um vaso sanguíneo do cérebro é obstruído. Sem oxigênio e sem glicose, os neurônios morrem em 15 segundos e liberam substâncias tóxicas que afetam células similares ao redor, em uma região pelo menos duas vezes maior do que a lesionada no momento do AVC.

Segundo a professora Rosália

Mendez-Otero, do Instituto de Biofísica da UFRJ, responsável pela realização dos testes em animais, o resgate de neurônios pelas células-tronco deu-se de duas formas. Por meio da geração de pequenas artérias, que resulta na circulação de oxigênio e de glicose, e também pela liberação de fatores neuroprotetivos.

"Não estamos fazendo terapia para substituir as hemáceas lesionadas", ressaltou Rosália, destacando que as células-tronco usadas são adultas e, por isso, têm menor potencial de se diferenciar em neurônios, como ocorrem com as células-tronco embrionárias.

Um aspecto fundamental do procedimento é que ele só pode ser feito entre três a cinco dias após o derrame, período em que é possível ultrapassar a barreira que separa o sangue do tecido cerebral.

Parceria para estudar o coração

Três centros de pesquisa foram escolhidos pelo Ministério da Saúde para fazer, nos próximos três anos, estudos sobre a eficácia do uso de células-tronco no tratamento de doenças cardíacas. Os trabalhos serão coordenados pelo Instituto Nacional de Cardiologia de Laranjeiras (RJ), pelo Instituto do Coração (Incor) da Universidade de São Paulo e pelo Instituto de

Biomédicas da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ).

Cada um será responsável por avaliação de tratamentos para doenças específicas. O Instituto de Laranjeiras está encarregado de verificar a técnica no tratamento de pacientes com hipertrofia cardíaca. O Incor, do trabalho com pacientes portadores de doenças isquêmicas, e o Institu-

to de Biomédicas acompanhará pacientes que sofreram enfarte.

O estudo sobre terapia celular faz parte de um convênio entre os ministérios da Saúde e da Ciência e Tecnologia para incentivar pesquisas na área. Firmado há dois meses, o acordo prevê investimentos de R\$ 57 milhões e incentivo a 350 projetos. Entre eles, o de células-tronco — este orçado em R\$ 13 milhões.

Uma parte do estudo com células-tronco ainda está em aberto: a de doença de Chagas. Nenhuma instituição foi classificada para trabalhar nesta área.

O estudo divulgado ontem é um dos trabalhos em terapia celular feito pelos pesquisadores do Instituto do Milênio de Bioengenharia Tecidual, que reúne profissionais de diversas instituições do país.